

#190

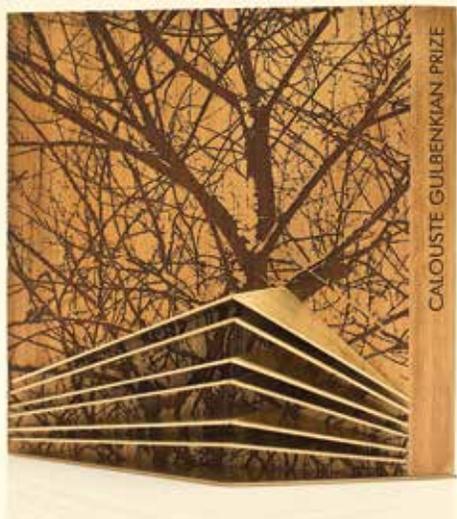
# Prémios Gulbenkian 2017 Uma aplicação para ajudar refugiados e migrantes O Monstro no Labirinto



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN

agosto  
setembro

# Neste número



## 4

### Prémios Gulbenkian 2017

Direitos Humanos, Coesão, Conhecimento e Sustentabilidade foram as áreas agraciadas este ano pelos Prémios Gulbenkian. Os refugiados estiveram no centro do prémio internacional atribuído à jurista Jane McAdam e à ONG Hungarian Helsinki Committee. No plano nacional, os prémios foram para a Sociedade Portuguesa de Matemática, pela organização das Olimpíadas da Matemática, para a Sociedade Artística Musical dos Pousos, pelo seu trabalho com os mais idosos, e para a ADVID, com um trabalho reconhecido na redução da pegada ecológica no Douro.



O MONSTRO NO LABIRINTO © D.R.

## 10

### Uma aplicação para ajudar refugiados e migrantes

Chama-se Cura e o seu objetivo é estabelecer ligação entre médicos e pacientes refugiados ou migrantes, sobretudo mulheres. A ideia saiu vencedora da maratona digital realizada em junho na Fundação e vai transformar-se numa aplicação gratuita para *smartphones*, ao alcance de quem precisa.

## 18

### Exposições de entrada livre

Na Sede da Fundação há *Escultura em Filme* e imagens que retratam os impactos culturais da Grande Guerra em Portugal em duas exposições que pode ver gratuitamente. No piso superior, sete artistas mostram o seu fascínio pela escultura clássica em filmes rodados em vários pontos da Europa, enquanto no piso inferior a exposição *Tudo se desmorona* (na imagem) apresenta novos elementos para entender os efeitos da I Guerra no nosso país.

## 24

### O Monstro no Labirinto

No final de setembro, dias 27, 28 e 29, o Grande Auditório recebe uma ópera multimédia que fez sucesso no festival de Aix-en-Provence. Cerca de duas centenas e meia de coralistas estarão em palco para recriar a viagem de barco de Teseu a Creta para resgatar as crianças atenienses expatriadas, oferecidas em sacrifício ao terrível Minotauro. Um espetáculo com o drama dos refugiados em fundo.



# Índice



## 28

### Novo número da Colóquio-Letras

Disponível a partir de setembro, o novo número da Colóquio-Letras dedica várias páginas a dois grandes poetas do séc. XX: António Ramos Rosa e Herberto Helder, revelando também 17 cartas inéditas de Herberto dirigidas a Ramos Rosa. Um número em que são ainda assinalados os 150 anos do nascimento de Raul Brandão e outras efemérides. Desta vez, a capa e os separadores são da autoria de Rui Chafes.

---

#### Notícias

- 4 Prémios Gulbenkian 2017
- 10 Uma aplicação para ajudar refugiados e migrantes
- 12 Apps for Good
- 13 Apoio à reconstrução de casas destruídas pelos incêndios
- 13 Novos fundos para estudar resistências antimicrobianas
- 14 Investigação IGC sobre bactérias patogénicas
- 15 Levedura do pão pode ajudar resistência das plantas

---

#### Aconteceu

- 16 Jardim de Verão

---

#### Exposições

- 18 Escultura em Filme
- 20 Tudo se desmorona. Impactos culturais da Grande Guerra em Portugal
- 22 A exposição de um sonho em Paris

---

#### Música

- 24 O Monstro no Labirinto

---

#### Leituras

- 28 António Ramos Rosa e Herberto Helder na Colóquio-Letras

---

#### Ambientes

- 30 Por Márcia Lessa

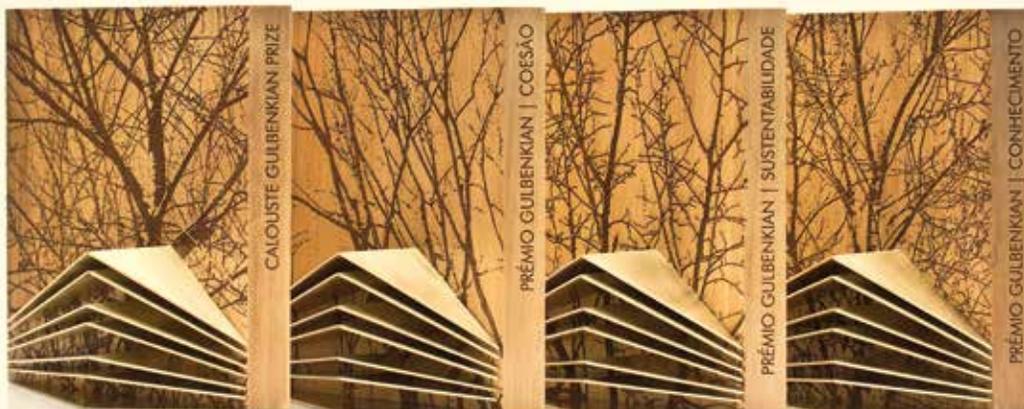
---

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#190 – AGOSTO SETEMBRO 2017 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA – THE DESIGNERS REPUBLIC – IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO – DDIX / REVISÃO DE TEXTO – RITA VEIGA / PRÉMIOS GULBENKIAN 2017 © JOSÉ DIAS / IMPRESSÃO – GRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM – 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNALVA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN.PT

## Prémios Gulbenkian 2017

*O Prémio Calouste Gulbenkian deste ano foi para uma Organização Não Governamental húngara e para uma jurista australiana, ambas com um papel relevante na defesa dos direitos dos refugiados e migrantes. No plano nacional, os troféus foram entregues a projetos nas áreas do envelhecimento, redução da pegada ecológica e promoção do sucesso escolar. Os prémios foram entregues pelo Presidente da República no Dia Calouste Gulbenkian, a 20 de julho.*



### Dar voz aos refugiados

O **Hungarian Helsinki Committee**, uma organização não governamental que dá apoio legal a migrantes e refugiados na Hungria, e **Jane McAdam**, uma influente professora e investigadora australiana na área do Direito, foram os vencedores do Prémio Calouste Gulbenkian. Os dois vencedores repartiram entre si este prémio, no valor de 100 mil euros, como reconhecimento pelo inestimável contributo na defesa dos direitos humanos e, em particular, dos refugiados.

O **Hungarian Helsinki Committee** foi escolhido pelo seu carácter "singular e exemplar" ao prestar assistência jurídica regular e gratuita aos requerentes de asilo, refugiados e apátridas na Hungria. Fundada em 1989 com a missão de defender a dignidade humana, esta organização é, de acordo com o júri do Prémio, a "voz dos refugiados", bem como a "voz crítica mais audível das políticas ilícitas e desumanas" praticadas na Hungria. Ajudando refugiados, detidos e vítimas de violência policial "num panorama profundamente adverso", esta organização constitui um "incentivo à resistência por parte da sociedade civil daquele país".



A EQUIPA DO HUNGARIAN HELSINKI COMMITTEE © D.R.

O seu trabalho conduziu à abertura de dois processos de infração pela Comissão Europeia contra a Hungria por violar a legislação da UE em matéria de asilo, bem como em várias declarações extremamente críticas do Parlamento Europeu, do Conselho da Europa da ONU. Com o apoio de especialistas, esta organização lançou o Refugee Law Reader, a única base de dados existente *online* com ferramentas complexas para apoiar o ensino do direito dos refugiados, fornecendo acesso a literatura especializada no direito internacional.

O júri decidiu ainda premiar o contributo de **Jane McAdam** para a melhoria da vida de milhões de refugiados e migrantes, sublinhando o alcance e o impacto das ideias desta jovem advogada, que dirige um Centro de Direito Internacional de Refugiados na Universidade de Nova Gales do Sul, em Sydney, com efeitos práticos na legislação, na jurisprudência e nas políticas aplicadas neste campo. A investigação da premiada na área do direito internacional tem-se revelado fundamental, de acordo com o júri, para a “criação de soluções seguras, duradoras e legais” em resposta a questões relacionadas com a migração forçada, desalojados pelos impactos das mudanças climáticas ou catástrofes naturais. Em 2011, Jane McAdam desenvolveu uma investigação sobre estas questões para o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e colaborou de

perto na criação do projeto internacional mais significativo neste campo: *The Nansen Initiative on Disaster-Induced Cross-Border Displacement*, transformada agora na *Platform on Disaster Displacement*. Em 2016, desenvolveu, também para o ACNUR, recomendações para a sua estratégia institucional sobre alterações climáticas e desalojados devido a catástrofes. A sua investigação sobre proteção de pessoas que enfrentam graves abusos de direitos humanos (por exemplo, tortura), teve repercussões na sociedade civil e conduziu a uma grande reforma da lei australiana.

Presidido por Jorge Sampaio, o júri do Prémio Calouste Gulbenkian, é composto por personalidades nacionais e internacionais como Emílio Rui Vilar, José Ramos Horta, Demetrios G. Papademetriou, Michel Sidibé, Jody Williams e Asma Jahangir.



JANE MCADAM © D.R.



PARTICIPANTES NA INTERNATIONAL MATHEMATICAL OLYMPIAD 2009

## Prémios nacionais

Os vencedores nacionais dos Prémios Gulbenkian 2017, nas categorias de Conhecimento, Sustentabilidade e Coesão, foram, respetivamente, a **Sociedade Portuguesa de Matemática**, a **Associação para o Desenvolvimento da Viticultura Duriense (ADVID)** e a **Sociedade Artística Musical dos Pousos**. As três categorias destes Prémios, no valor de 50 mil euros cada, correspondem às áreas prioritárias em que a Fundação vai intervir nos próximos anos.

## O conhecimento matemático

Na base da decisão do júri em atribuir o Prémio Gulbenkian à Sociedade Portuguesa de Matemática, na área do Conhecimento, estão as Olimpíadas de Matemática, uma iniciativa educativa de referência e de grande impacto nacional, que há mais de três décadas promove o gosto por esta disciplina. Organizada desde 1983, de uma forma cada vez mais “ampla e sólida”, de acordo com o júri, esta iniciativa tem vindo a conseguir colocar dezenas de milhares de alunos do ensino básico e secundário em contacto com a Matemática “num ambiente estimulante e criativo”. O júri salientou ainda o facto de as Olimpíadas constituírem oportunidades preciosas para os docentes desenvolverem nos seus alunos, a par das aulas, “um interesse mais profundo pela disciplina”.

## Sustentabilidade no Douro

Na área da Sustentabilidade, os esforços desenvolvidos pela Associação para o Desenvolvimento da Viticultura Duriense (ADVID) para reduzir a pegada ecológica dos viticultores seus associados mereceram o aplauso do júri do Prémio Gulbenkian. AADVID agrega 175 empresas de vinho da região demarcada do Douro e trabalha em parceria com 75 entidades académicas, públicas, e associações empresariais. Os projetos e estudos que tem vindo a promover no âmbito dessas parcerias têm contribuído, salienta o júri, para o “desenvolvimento sustentável da vitivinicultura”. Sempre com a sustentabilidade como critério, o júri destacou os projetos e estudos relacionados com a conservação do solo, com o uso racional dos fitofármacos e fertilizantes, o modo de produção integrada e biológica, a mitigação do impacto das alterações climáticas, a preservação da biodiversidade e a promoção da economia circular e da ecoeficiência.



DOURO SUSTENTÁVEL © D.R.

### **Coesão e integração social**

Finalmente, na área da Coesão, o júri premiou a Sociedade Artística Musical dos Pousos, uma instituição com 143 anos, que desenvolve projetos no campo da integração social pela arte. O júri sublinhou “a originalidade, a consistência e o carácter inovador” da sua ação, com particular destaque para os programas na área do envelhecimento, desde a musicoterapia para pessoas com Alzheimer ou a necessitar de cuidados paliativos, até à prática musical em comunidade. O júri destacou três programas: Novas Primaveras, que oferece experiências artísticas, fruição e prática, por duplas de profissionais que visitam regularmente lares e centros de dia e acompanham o apoio domiciliário; Aqui Contigo, destinado a pessoas em estado terminal; e Palco em Casa, concertos breves para idosos que vivem isolados em territórios rurais.

O júri dos prémios nacionais é constituído por personalidades de relevo de várias áreas da vida nacional. Presidido por António Feijó, conta com nomes como Henrique Leitão, Miguel Tamen, João Ferrão, Paula Guimarães, Teresa Mendes e Sofia Guedes Vaz.



PROJETO NOVAS PRIMAVERAS DA SOCIEDADE ARTÍSTICA MUSICAL DOS POUSOS © D.R.



ORQUESTRA GULBENKIAN EM CONCERTO NO ANFITEATRO AO AR LIVRE © MÁRCIA LESSA

## Uma celebração ao ar livre

Os prémios foram entregues pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, numa cerimónia realizada ao Anfitriato ao Ar Livre, que culminou com um concerto pela Orquestra Gulbenkian dirigida pelo maestro José Eduardo Gomes com obras de Ludwig van Beethoven e Jennifer Higdon.

O presidente do júri dos prémios nacionais, António Feijó, destacou a “robustez das instituições da sociedade civil” testemunhada pelo largo número de candidaturas avaliadas. Os principais responsáveis das três organizações premiadas subiram ao palco para receber os prémios das mãos do Presidente da República. “Obrigado por sonharem conosco e por acreditarem em nós” disse Hugo Alves, presidente da Direção da Sociedade Artística Musical dos Pousos, o primeiro premiado a intervir perante centenas de pessoas que enchem as bancadas do Anfitriato. Hugo Alves lembrou a história desta sociedade com 183 anos de vida e que tem vindo a intensificar o número de projetos envolvendo pessoas da 3.<sup>a</sup> e da 4.<sup>a</sup> idades que foram distinguidos pelo júri.

Jorge Buescu, presidente da Direção da Sociedade Portuguesa de Matemática, também agradeceu o prémio, lembrando, na ocasião, que as Olimpíadas de Matemática, agora na sua 35.<sup>a</sup> edição, constituem a “maior iniciativa circum-escolar realizada em Portugal”, desempenhando, também, um papel “invisível” e “ímpar” na deteção precoce da excelência entre os alunos.

José Manso, presidente da Direção da ADVID, declarou-se, por seu lado, muito “honrado” por este reconhecimento que premeia a “perseverança” dos seus associados, da região demarcada do Douro, classificada como Património Mundial, garantindo que “a vontade e o empenho em continuar e honrar este prémio estão assegurados”.

## O exemplo internacional

Qualificando de “notável e excecional” o trabalho das premiadas, Jorge Sampaio salientou a complementaridade entre “a atuação no terreno” em defesa dos direitos humanos da Hungarian Helsinki Committee, por um lado, e a “atividade de investigação” de Jane McAdam, fundamental para a “melhoria da produção legislativa e da formulação de políticas públicas” aplicadas aos refugiados, por outro. No caso da investigadora australiana Jane McAdam, o antigo Presidente da República destacou também os seus “estudos pioneiros sobre o impacto das alterações climáticas nos fenómenos migratórios”, afirmando: “Numa altura em que se assiste a uma perigosa tentação de abandono dos compromissos assumidos no âmbito do Acordo de Paris, nunca é demais insistir na necessidade de prosseguir



MÁRTA PARDAVI AGRADECE O PRÊMIO CALOUSTE GULBENKIAN 2017 NA PRESENÇA DE JORGE SAMPAIO, MARCELO REBELO DE SOUSA, ISABEL MOTA, ANTÓNIO FEIJÓ E ORQUESTRA GULBENKIAN

energicamente com a implementação dos objetivos fixados”, defendeu.

Quanto ao Hungarian Helsinki Committee, o antigo chefe de Estado lamentou que esta organização encontre no governo húngaro “o seu principal opositor”, em vez de um “parceiro e aliado, como seria expectável no contexto de um Estado-membro da União Europeia”. Márta Pardavi, representante da Hungarian Helsinki Committee, reforçou esta ideia de Jorge Sampaio: “Como qualquer ONG húngara dedicada aos Direitos Humanos, vivemos a experiência da pressão política, da propaganda e das leis criadas para intimidar uma sociedade civil livre.” E deu um exemplo: na sequência de uma lei recentemente criada e que abrange todas as ONG do seu país, o prémio agora

recebido vai ser considerado “um financiamento estrangeiro suspeito” por ultrapassar o valor imposto por essa nova diretiva, a qual será contestada em tribunal. Depois de destacar o empenho e o comprometimento das 35 pessoas que trabalham na organização, a ativista terminou com uma palavra de agradecimento aos refugiados e cidadãos húngaros “que depositam a sua confiança na organização” e que, apesar de “terem sido deixados cair tantas vezes, persistem em exigir justiça e em recuperar a dignidade”.

Impossibilitada de viajar por estar num adiantado estado de gravidez, Jane McAdam declarou, num registo gravado e difundido no Anfiteatro ao Ar Livre, estar “extraordinariamente honrada” pelo prémio, acrescentando que existem hoje poucos desafios maiores do que este para a comunidade internacional: o de conseguir encontrar respostas eficazes para os refugiados e outros migrantes forçados. Lembrando que existem mais de 65 milhões de pessoas em todo o mundo deslocadas das suas casas em resultado de perseguições, conflitos, abuso dos direitos humanos, e outros 25 milhões por motivo de desastres naturais ou das mudanças climáticas, McAdam sublinhou a “urgência de respostas positivas que possam assegurar às pessoas uma vida segura e digna”.

## Calouste Gulbenkian

No dia dedicado a Calouste Gulbenkian, a presidente da Fundação, Isabel Mota, evocou, com gratidão, Calouste Sarkis Gulbenkian, cuja memória estes Prémios pretendem homenagear. Afirmando que os “tempos de incerteza e perplexidade” que hoje se vivem “exigem novos caminhos de compreensão e convivalidade entre o Ocidente e o Oriente”, revelou que foi com satisfação que Conselho de Administração premiou o trabalho com refugiados de Jane McAdam e do Hungarian Helsinki Committee, que “representam a resiliência de que necessitamos para enfrentar um dos maiores desafios dos dias de hoje”. Sublinhou também a decisão de retomar os Prémios Gulbenkian nacionais, que traduzem “as atuais prioridades estratégicas” da Fundação.

Isabel Mota elogiou todos os premiados pelo “trabalho inovador e com impacto em condições tão complexas como adversas, no campo social, educativo ou científico, ou no âmbito da defesa dos direitos humanos”.

A finalizar, Marcelo Rebelo de Sousa destacou a presença de três chefes de Estado portugueses na cerimónia, dizendo “representarem a continuidade do Estado” em três dimensões: na gratidão à Fundação Calouste Gulbenkian; no apoio à coesão social, ligada também à sustentabilidade e ao conhecimento; e finalmente, na defesa dos direitos humanos, em particular a defesa dos direitos dos migrantes e refugiados.

---

# Inovação social digital

## Uma aplicação para ajudar refugiados e migrantes

*Uma nova aplicação para telemóveis vai permitir conectar anonimamente os migrantes (particularmente as mulheres) com médicos voluntários. A ideia saiu vencedora na maratona digital Hack for Good deste ano e vai ser levada à prática com o nome “Cura”.*

Daniela Seixas, Carina Branco, Teresa Fernandes, Maria do Rosário Costa e Ana Rita Pereira não se conheciam, mas todas fazem parte da recém-criada plataforma de mulheres Portuguese Women in Tech (<https://portuguesewomenintech.com/>), uma comunidade sem fins lucrativos dedicada à tecnologia e à entreajuda, que já conta com mais de 50 mulheres portuguesas. Foi a convite da plataforma que as cinco se juntaram para participar na maratona de impacto social promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, em parceria com a Techfugees, nos dias 24 e 25 de junho. “Na realidade não nos conhecíamos antes, mas todas manifestámos vontade de participar no Hackathon quando a plataforma nos lançou o desafio”, diz Daniela, a porta-voz do grupo. “Fizemos um par de reuniões de preparação prévias por Skype, para nos apresentarmos umas às outras, percebermos como podíamos trabalhar em conjunto e explorar algumas ideias iniciais que tínhamos. Só no sábado, no início do evento, nos conhecemos pessoalmente.”

O evento durou dois dias e contou com 37 equipas participantes, que ao longo das mais de 30 horas de maratona procuraram responder ao desafio de criar soluções tecnológicas destinadas a melhorar a vida dos refugiados. A Cura, uma aplicação móvel que “conecta mulheres migrantes, anonimamente, com médicos voluntários” e que a equipa descreve como “um instrumento de empoderamento e de inclusão das mulheres migrantes” acabou por se sagrar o projeto vencedor. “Uma *app* que conectasse médicos a migrantes era a ideia que tínhamos de base. Sendo a Daniela médica, a ideia inicial surgiu da parte dela”, esclarece a equipa. “Procurámos antes do evento testar essa ideia no terreno, falando com alguns migrantes, e percebemos que havia por onde afunilar a ideia, dirigindo-a à população feminina. Sabemos que as mulheres são centrais na saúde da família e a aplicação permite fazer perguntas, sem necessidade de se identificarem, a médicos disponíveis para esclarecer dúvidas de saúde e orientar estas questões. A tecnologia utilizada na *app* e a extensa rede de médicos, que será internacional, reduz a probabilidade de a língua ser uma dificuldade na comunicação com os profissionais de saúde”.



Connecting anonymous women with volunteer medical doctors.

Courtesy Khuloud Kalthoum

APRESENTAÇÃO DO PROJETO CURA

### Uma ideia com “pernas para andar”

Em apenas 30 horas, o grupo conseguiu que 82 profissionais da comunidade médica portuguesa aderissem a esta rede de médicos voluntários credenciados, uma surpresa motivadora para todas. “Foi a primeira vez que tivemos a sensação de que estávamos diante de algo que se poderia tornar sério e com pernas para andar. A nossa ideia estava a ganhar forma, logo ali, com números impressionantes.” Estes resultados valeram ao grupo de cinco mulheres o primeiro prémio, no valor de cinco mil euros, assim como licenças de acesso às plataformas Microsoft e IBM e formações tecnológicas. “O mais relevante para nós foi terem acreditado no projeto. Os prémios serão aplicados integralmente no desenvolvimento da plataforma e as formações servirão para desenvolvermos competências que nos podem ajudar a contribuir com mais qualidade. Estamos empenhadas em fazer acontecer, mas bem”, afirmam.

A equipa considera que esta foi uma experiência “fantástica”, ainda que desafiadora. “As reuniões e a evolução do projeto durante a maratona correram bastante bem, considerando que não nos conhecíamos. O tema tão sensível e o evento uniram-nos. O facto de termos *backgrounds* diferentes, mas complementares, também se revelou muito útil”, diz Daniela. Para algumas, foi a primeira vez que participaram numa maratona tipo *hackathon*, e apontam como maiores dificuldades o curto espaço de tempo para desenvolver o projeto e “a heterogeneidade das populações migrantes, que dita que seja mais difícil desenvolver uma solução que se enquadre nas necessidades de todos”.

Por agora, o grupo procura apoios institucionais para continuar a desenvolver a Cura e torná-la disponível o mais depressa possível, com as suas funcionalidades de base de *chat* em tempo real com tradução integrada e possibilidade de *upload* de imagens ou documentos. Será preciso também alargar e organizar a comunidade de médicos e outros profissionais de saúde voluntários e registá-los na plataforma. “Há muito trabalho pela frente e estamos essencialmente neste momento a organizar forças e a planear os próximos passos. Estamos cientes de que uma *app* sem fins lucrativos é mais difícil de lançar no mercado, mas estamos muito determinadas e confiantes. A *app* vai tornar-se um sucesso se tiver impacto na vida das pessoas e acreditamos (muito!) que isso é possível.”

---

# Inovação social digital

## Apps for Good em terceira edição



No dia **20 de setembro**, a Fundação Gulbenkian recebe a final da 3.<sup>a</sup> edição do Apps for Good, uma iniciativa com origem no Reino Unido que desafia alunos dos ensinos básico e secundário (dos 10 aos 18 anos) a conceberem aplicações para telemóveis, ou outros suportes tecnológicos móveis, com intuítos sociais. Depois dos encontros regionais realizados em junho e julho, nos Açores, em Matosinhos e em Lisboa, onde cerca de 140 equipas fizeram apresentações de três minutos a um júri constituído por representantes de diversas empresas e instituições que apoiam este programa, foram selecionadas 21 equipas para a final na Fundação Calouste Gulbenkian.

Nas edições anteriores, houve aplicações móveis premiadas para facilitar a comunicação com crianças autistas (2014/2015) e para ajudar os alunos

do 9.º ano a estudar Físico-Química (2015/2016). No primeiro caso, a aplicação vencedora do Apps for Good foi concebida por estudantes do Agrupamento de Escolas de Santo António, no Barreiro, que desenvolveram um *software* para *smartphones* para ajudar crianças, jovens e adultos com autismo, síndrome de Down e vítimas de acidente vascular cerebral, a superarem dificuldades de comunicação. No ano seguinte, sagrou-se vencedora a aplicação desenvolvida por uma equipa de alunos da Escola Secundária de Sacavém, do Agrupamento Eduardo Gageiro, que oferecia tutoriais explicativos dos conteúdos do programa de Físico-Química e a resolução de qualquer parâmetro das fórmulas, estimulando o interesse e a motivação dos alunos para aprender esta disciplina, de forma apelativa e dinâmica.

A operacionalização do projeto decorre ao longo do ano letivo, onde professores (de todas as áreas disciplinares) e alunos têm acesso a conteúdos *online* com uma metodologia específica. Para apoiar no desenvolvimento do projeto, os participantes têm acesso a uma rede de especialistas que se ligam *online* à sala de aula, para prestar todo o apoio de esclarecimento de dúvidas. O modelo de implementação poderá ser em regime curricular ou extracurricular.

“O Apps for Good desenvolve a capacidade criativa e empreendedora dos jovens, sendo a tecnologia um meio e não apenas um fim, na resolução de problemas e de causas sociais que permitam criar uma sociedade mais cívica e mais sustentável”, afirma João Baracho, diretor executivo do CDI (Centre for Digital Inclusion) em Portugal, onde o programa foi implementado há cinco anos e que conta, entre os seus parceiros, com a Fundação Calouste Gulbenkian.

---

# Apoio à reconstrução de casas destruídas pelos incêndios

A Fundação Calouste Gulbenkian vai apoiar a reconstrução das primeiras habitações afetadas pelos incêndios que deflagraram em junho na região Centro, no âmbito de uma parceria que envolve também a União das Misericórdias Portuguesas.

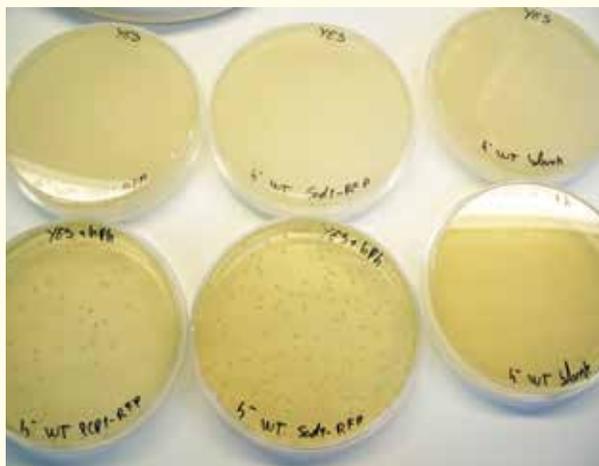
Para definir os mecanismos desta colaboração, a Fundação assinou um protocolo com o Instituto de Segurança Social, que preside ao Revita (fundo que gere os donativos reunidos para apoiar as vítimas) e a União das Misericórdias Portuguesas de modo a facilitar a gestão eficiente dos donativos e a atribuição célere dos apoios, bem como a troca de

informações mútua. Recorde-se que no final do mês de julho, foi decidido pelo conjunto de doadores avançar com as obras em 162 habitações.

Desde o primeiro momento da tragédia, a Fundação acompanhou e avaliou a situação no terreno, em conjunto com a União das Misericórdias Portuguesas, criando um fundo especial para as populações. Ao capital inicial de 500 mil euros, doado pela Fundação Calouste Gulbenkian, juntaram-se mais doações de empresas como a Altri e a Navigator, bem como a gestão da conta solidária da Caixa Geral de Depósitos.

---

# Novos fundos para estudar resistências antimicrobianas



A resistência antimicrobiana é um dos atuais e mais sérios desafios para os cuidados de saúde em todo o mundo e tem sido o foco de atenção por parte de cientistas de diferentes campos. Um consórcio formado por dois grupos de investigação do Instituto Gulbenkian de Ciência, liderados por Isabel Gordo e Claudia Bank, e por investigadores da Universidade de Ottawa e da Universidade Carleton, no Canadá, e da Universidade de Aarhus, na Dinamarca, foi financiado para estudar as variações da resistência em diferentes ambientes. O financiamento obtido no valor de 400 mil euros, no âmbito do programa ERA-NET, conta com um montante de 150 mil euros atribuído pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

# Investigação IGC sobre bactérias patogénicas

*Num estudo publicado na revista científica de acesso livre mBio, uma equipa de investigação do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), liderada por Karina Xavier, descobriu que a virulência de bactérias patogénicas é acelerada na presença de outras espécies patogénicas que libertam sinais químicos para o ambiente.*



MANIPULAÇÃO DA BATATA INFETADA © RITA VALENTE, IGC

A equipa tem vindo a investigar como é que as bactérias “falam” umas com as outras de modo a ajustarem o seu comportamento a alterações ambientais ou à presença de outras espécies. A linguagem que utilizam baseia-se em pequenas moléculas

químicas que são libertadas para o ambiente quando existe um elevado número de bactérias de uma espécie. Estes sinais informam a população de bactérias que pode ajustar o seu comportamento de modo a tornar-se mais virulenta.

No seu estudo, a equipa do IGC focou-se na *Pectobacterium wasabiae*, uma espécie de bactéria que degrada a parede das células das plantas, fazendo apodrecer o tecido. A equipa de investigação descobriu que a resposta virulenta dessas bactérias pode ser desencadeada mesmo a baixas densidades, se essas bactérias receberem moléculas químicas libertadas por outras espécies patogénicas presentes no meio. “Estas moléculas que permitem às bactérias comunicarem umas com as outras são essenciais para ativar os seus comportamentos virulentos”, explica Karina Xavier, e acrescenta que “bloquear estes sinais e inibir a comunicação estabelecida entre bactérias é uma via muito promissora que precisa de ser mais explorada para desenvolver estratégias que inibam a virulência de agentes patogénicos”.

Este estudo foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e pelo Howard Hughes Medical Institute.

---

# Levedura do pão pode ajudar resistência das plantas

*Num estudo publicado na revista Scientific Reports, uma equipa de investigação liderada por Paula Duque, do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), descobriu que dois genes da levedura do pão podem aumentar a tolerância das plantas a várias substâncias tóxicas, permitindo o seu crescimento em solos contaminados.*

A levedura *Saccharomyces cerevisiae* é usada para fermentar o pão, a cerveja e o vinho. A equipa de Isabel Sá-Correia no Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, que colaborou neste estudo, tinha já identificado dois genes desta levedura que desempenham um papel na resistência a herbicidas e outros químicos. Com base nesta informação, o grupo de Paula Duque analisou a capacidade desses genes conferirem à planta *Arabidopsis thaliana* resistência a vários químicos. Esta pequena planta herbácea é usada como organismo modelo para compreender processos biológicos comuns a outras plantas. Após inserirem cada um dos dois genes de levedura nesta planta, os investigadores descobriram que esta se tornou mais resistente a herbicidas, fungicidas e metais pesados. As plantas com os genes da levedura cresceram significativamente melhor em solos contaminados do que as plantas que não tinham esses genes.

Sobre esta descoberta, a investigadora Paula Duque nota que será necessário realizar “mais experiências em *Arabidopsis* para compreender o mecanismo subjacente à resistência destas plantas, bem como estudos noutras espécies vegetais” para que os resultados possam ser extrapolados para plantas de interesse agrícola. No entanto, a investigadora realça que os resultados obtidos são “verdadeiramente promissores para a resolução de um problema ambiental sério.”

Este estudo foi conduzido no IGC e no Instituto de Bioengenharia e Biociências, do Instituto Superior Técnico, com o financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.



© RAQUEL CARVALHO

# Aconteceu

## Jardim de Verão

*Entre 23 de junho e 20 julho, o Jardim Gulbenkian foi palco de uma programação festiva que trouxe concertos, leituras e outros encontros.*

Fotografias de Márcia Lessa



A BRASILEIRA ROBERTA SÁ EM CONCERTO



DEBATE NO CICLO "A GULBENKIAN E O CINEMA PORTUGUÊS"



JANE BIRKIN E A ORQUESTRA GULBENKIAN, DIRIGIDA POR JAN WIERZBA



CONCERTO DE MAYRA ANDRADE



SONS NO SILÊNCIO



CONCERTO DE BONGA

## Escultura em Filme

### *The Very Impress of the Object*

*Até 2 de outubro, pode ver a exposição que explora o crescente fascínio da escultura clássica sobre um grande número de realizadores e artistas contemporâneos. A mostra apresenta obras de sete artistas que desenvolvem o seu trabalho em diferentes pontos da Europa.*

A arte contemporânea tem revelado um surpreendente interesse e fascínio pela escultura antiga. Neste contexto, é intrigante entender como é que a escultura clássica, que deixou de fazer parte dos programas de ensino e que parece cada vez mais distante, está presente, de forma notável, em obras de artistas contemporâneos, sobretudo no cinema. Mas por que razão os artistas, em particular os que trabalham com imagens em movimento, se interessam hoje pela absoluta imobilidade corporizada numa escultura clássica? Em torno desta questão, sete artistas internacionais foram convidados pelo Museu Calouste Gulbenkian a expor os seus trabalhos: **Anja Kirschner** (1977) e **David Panos** (1971), com um projeto sobre as suas origens, alemã e grega, e sobre a relação entre os seus dois países durante a crise financeira de 2008; **Fiona Tan** (1966), que mostra olhares distintos sobre as esculturas do Sir John Soane's Museum, em Londres; **Mark Lewis** (1958), com um exercício de contemplação centrado na famosa obra *Hermafrodita Adormecido*, no Louvre; **Rosa Barba** (1972), que explorou a luz e as esculturas nas reservas dos Museus Capitolinos, em Roma; e a dupla **Lonnie van Brummelen** (1969) e **Siebren de Haan** (1966), cujo projeto incidiu sobre o friso de Pérgamo do Pergamonmuseum, em Berlim.

Mark Lewis resume, de alguma forma, o fascínio pela escultura filmada quando afirma: "Realizar estes trabalhos com o museu fechado e durante a noite leva-nos a descobrir um ângulo diferente nas obras e revela a beleza que se esconde na solidão e na luz ténue do espaço."

Com a apresentação das obras destes artistas, produzidas em diferentes pontos da Europa, somos guiados através de diversos museus, desde o Museu do Louvre até aos Museus Capitolinos, de Paris a Roma, seguindo até Atenas, com passagens por Berlim, Munique e Londres. Por meio destes filmes e da leitura minuciosa que as suas câmaras fazem de objetos antigos, famosos ou esquecidos, é-nos permitido um novo olhar sobre esculturas do passado, explorando os modos como a escultura antiga – seja inteira ou fragmentada, em exposição ou nas reservas, original ou reprodução – evoca questões acerca da arte e do poder e se torna objeto de interesse para tantos artistas.



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © RICARDO OLIVEIRA ALVES

---

**ESCULTURA EM FILME.  
THE VERY IMPRESS OF THE OBJECT**

Curadoria: Penelope Curtis

*Edifício Sede – Galeria Principal*

**Até 2 outubro**

**Entrada livre**

*“Realizar estes trabalhos com o museu fechado e durante a noite leva-nos a descobrir um ângulo diferente nas obras e revela a beleza que se esconde na solidão e na luz ténue do espaço.”*

Mark Lewis

# Tudo se desmorona

## Impactos culturais da Grande Guerra em Portugal

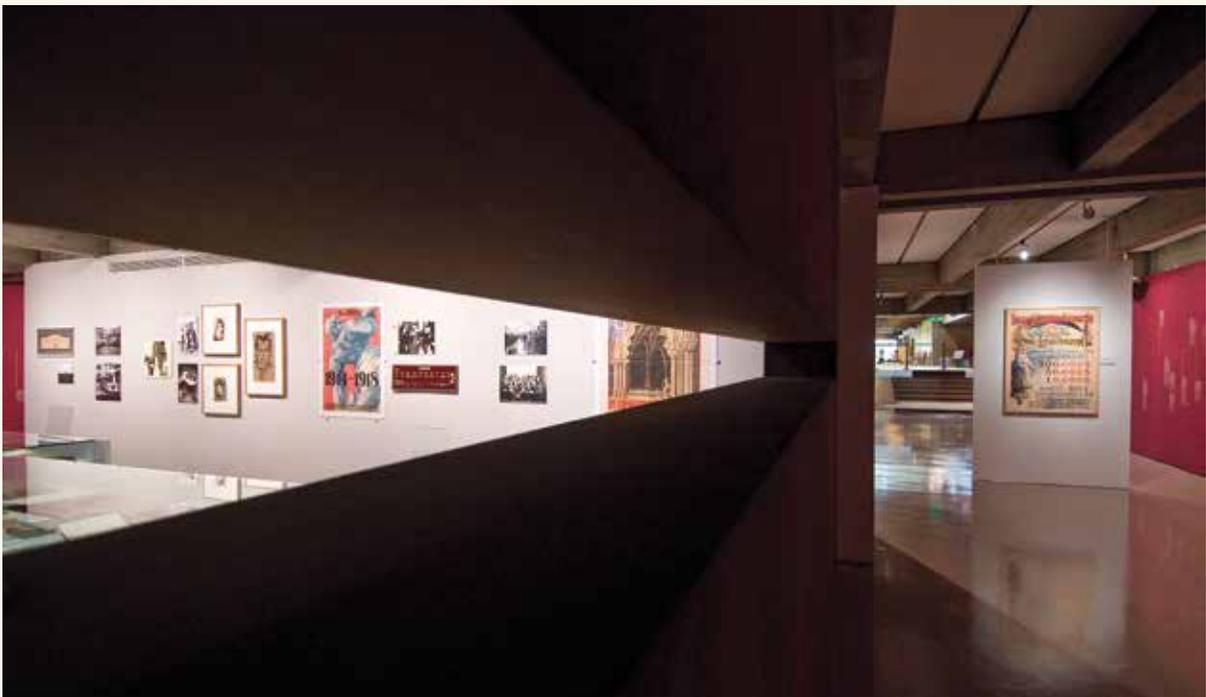
*Organizada em torno de seis núcleos temáticos, a exposição apresenta diversas obras e documentos inéditos evocativos dos acontecimentos, mudanças e tendências sociais e culturais ocorridas em Portugal na I Grande Guerra.*

Integrada num conjunto de iniciativas evocativas do centenário da I Guerra Mundial, que incluiu uma série de conferências, leituras encenadas, um ciclo de cinema e três concertos ao longo dos meses de junho e julho, esta exposição procura dar conta do impacto desta guerra na sociedade e cultura portuguesas, quer no decurso do conflito propriamente dito, quer nos anos subsequentes, focando-se no período cronológico entre 1914 e 1935. Entre as obras expostas estão fotografias de Joshua Benoliel e de Arnaldo Garcez, desenhos de Adriano Sousa Lopes (pintor oficial do Corpo Expedicionário Português na Flandres), ilustrações de Almada Negreiros, Emmerico Nunes e António Soares, e ainda obras de Amadeo, Robert Delaunay, Jorge Barradas, Leal da Câmara e Hein Semke.

Pedro Aires de Oliveira, professor e investigador do Instituto de História Contemporânea (IHC) da Universidade Nova de Lisboa, é um dos responsáveis por esta iniciativa e comissário da exposição, juntamente com Carlos Silveira, investigador no Instituto de História de Arte da UNL, e Ana Vasconcelos, conservadora do Museu Calouste Gulbenkian. Segundo Aires de Oliveira, um dos pontos fortes da exposição consiste em mostrar hoje algumas dimensões da Guerra que ficaram esquecidas, sendo que se procura “reconstituir os impactos culturais e sociais do conflito e suscitar uma reflexão acerca de uma época que nos continua a interpelar muito diretamente”.



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © MÁRCIA LESSA



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © MÁRCIA LESSA

*“O visitante pode encontrar  
informação, objetos e imagens alusivos  
à experiência das trincheiras,  
mas também ficar com uma noção  
de como é que várias personalidades  
e movimentos da sociedade portuguesa  
— escritores, artistas plásticos,  
socialites, sindicalistas, médicos  
— se posicionaram no contexto da  
mobilização do país para a Guerra.”*

Pedro Aires de Oliveira

---

**“TUDO SE DESMORONA”.  
IMPACTOS CULTURAIS DA  
GRANDE GUERRA EM PORTUGAL**

Curadoria: Pedro Aires de Oliveira, Carlos  
Silveira e Ana Vasconcelos

*Edifício Sede – Galeria do Piso Inferior*

**Até 4 de setembro**  
**Entrada livre**

---

# A exposição de um sonho em Paris

*A 7 de outubro, na Fundação Gulbenkian em Paris, será inaugurada L'exposition d'un rêve [A exposição de um sonho], uma exposição sonora inspirada nos sonhos de artistas visuais, cineastas e dramaturgos, poetas e escritores, onde se pretende sublinhar "a beleza complexa da génese de um sonho".*

O sonho — enquanto manifestação de desejos e medos, veículo de vozes do inconsciente, mas também como ferramenta de criação e como elemento constitutivo de mitologias — é o fio condutor desta exposição, para a qual foram “encomendados” sonhos a artistas como Gabriel Abrantes, Genesis Breyer P-Orridge, Tim Etchells, Alexandre Estrela, Lee Ranaldo e Apichatpong Weerasethakul, entre outros. Os sonhos foram entregues na forma de textos ou canções, posteriormente interpretados pelo músico alemão F.M. Einheit, antigo membro do lendário grupo Einstürzende Neubauten.

As gravações para a exposição realizaram-se em Lisboa, no Grande Auditório e no Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian, ao longo dos últimos meses, com a contribuição de outros músicos de referência da música contemporânea e de elementos do Coro Gulbenkian.

A influência da instituição neste projeto expositivo manifesta-se também no catálogo, que recupera o mítico formato da coleção “Textos Clássicos”, concebido por Sebastião Rodrigues para os livros que a Fundação Gulbenkian edita desde a década de 60, numa homenagem a uma estética que se tornou ela própria “um clássico”. Neste volume, que funciona como libreto para a “polifonia” que constitui esta exposição imaterial, reproduzem-se textos e desenhos de vários artistas, como Almada Negreiros e Ana Hatherly, entre outros.

Será “uma panóplia extensível das possibilidades da exposição vistas pelo prisma da materialidade imaterial dos sonhos”, nas palavras do curador Mathieu Copeland, um dos responsáveis pela organização de *Vides. Une rétrospective* [Vazios. Uma retrospectiva], exposição radical que em 2009 celebrou no Centro Pompidou, em Paris, meio século da “arte do vazio”, que teve como expoentes máximos artistas como John Cage ou Yves Klein.



© MÁRCIA LESSA

*Esta exposição sonora teve a sua génese na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, onde decorreram gravações com o músico alemão F.M. Einheit (na foto), entre outros.*

---

## **L'EXPOSITION D'UN RÊVE**

Curadoria: Mathieu Copeland

*Fundação Calouste Gulbenkian  
– Delegação em França*

**7 outubro – 17 dezembro 2017**  
**Entrada livre**

---

**23 Exposições**

## O Monstro no Labirinto

*Duas centenas e meia de coralistas vão subir ao palco do Grande Auditório para participar na ópera multimédia O Monstro no Labirinto, uma produção que fez sucesso no Festival de Aix-en-Provence e que terá três representações na Gulbenkian Música no início da temporada (27, 28 e 29 setembro).*

Este espetáculo “maravilhoso” e “encantatório”, como se leu na crítica da estreia, recria a viagem de barco de Teseu a Creta para resgatar as crianças atenienses expatriadas, oferecidas em sacrifício ao terrível Minotauro. Atravessada por um forte simbolismo, a ópera, composta para crianças, jovens e adultos, reúne inúmeros coros amadores de todo o país que se juntam ao **Coro e Orquestra Gulbenkian**.

Com música do britânico **Jonathan Dove**, libreto de **Alasdair Middleton**, encenação de **Marie-Eve Signeyrole** e projeto cenográfico de **Fabien Teigné**, o espetáculo conta com a direção musical de **Quentin Hindley** e a participação dos cantores **Carlos Cardoso** (Teseu), **Cátia Moreso** (mãe de Teseu) e **Rui Baeta** (Dédalo) e ainda do ator **Fernando Luís** (Minos).

Em julho, durante um período de ensaios, o cenógrafo Fabien Teigné e os dois assistentes de encenação, Marc Salmon e Maud Billen, explicaram como este projeto singular constitui um desafio sempre renovado para a equipa criativa, bem como para a toda a equipa de produção e de cena. Falando da génese desta ópera, Teigné explicou que a ideia partiu do Festival de Aix-en-Provence, alicerçada numa importante parceria que envolveu a Orquestra Filarmónica de Berlim e a Orquestra Sinfónica de Londres. Depois da estreia em Aix, o projeto foi apresentado em Londres e em Berlim, de um modo distinto em cada cidade, mas sempre sob a batuta do maestro britânico Simon Rattle, que também dirigiu a estreia.

O cenógrafo sublinhou a vertente pedagógica e social deste projeto que envolve um grande número de coralistas amadores, que se juntam a um coro e uma orquestra profissionais, além de quatro solistas. Teigné não considera difícil trabalhar com um grupo tão diversificado (são cerca uma centena de adultos, uma centena de adolescentes e meia centena de crianças), porque, regra geral, os ensaios decorrem ao longo de bastante tempo, nas férias escolares ou nos fins de semana, sendo precedidos de períodos de explicação do projeto para que “todos o possam integrar e para que o possam defender artisticamente”. Depois há todo um processo de trabalho técnico com as vozes e com os movimentos



*“Um espetáculo que recria a viagem de barco de Teseu a Creta para resgatar as crianças atenienses expatriadas, oferecidas em sacrifício ao terrível Minotauro”*



O MONSTRO NO LABIRINTO EM AIX-EN-PROVENCE © D.R.



ENSAIO NO GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN © MÁRCIA LESSA

---

*“Quisemos partir deste tema [mito grego] para falar de um outro que infelizmente está na ordem do dia e que tem a ver com o drama dos refugiados que chegam diariamente à Europa.”*

Fabien Teigné

no palco. Tudo se vai processando, assim, “etapa a etapa”, neste projeto que “não tem por objetivo descobrir vocações, mas proporcionar uma experiência enriquecedora a todos os participantes”, permitindo que “pessoas de várias gerações e de várias classes sociais se aproximem da sala de ópera da sua cidade”.

Marc Salmon, que também tem acompanhado todas as montagens da ópera até agora realizadas, diz que cada produção começa sempre do zero o que, confessa, “é simultaneamente fascinante e terrível”. E deu um exemplo: em Lisboa, os ensaios começaram em novembro de 2016, mas com longos intervalos entre eles. Já em Montpellier, onde esta produção foi também apresentada, os ensaios duraram cerca de três meses. “Em abril deste ano, depois de um intenso período de trabalho em Montpellier, tivemos a satisfação de ver finalmente o espetáculo subir ao palco com grande sucesso. Mas logo no fim de semana seguinte, quando voltámos a Lisboa para retomar os ensaios, tínhamos ainda quase tudo por fazer” (risos). Confessa que essa sensação foi um pouco desencorajadora, mas sabe que em cada produção há um longo caminho a percorrer.

Maud Billen salienta que este projeto permite a muitos amadores viverem uma verdadeira experiência profissional, e que, para muitos, será mesmo a única da sua vida. Muitos deles correm dos seus empregos (ou escolas) para estarem a horas nos ensaios, cumprindo de um modo muito profissional e empenhado todas as etapas programadas.

*“Eu sou Minos, Rei de Creta.  
Ouve Atenas! — foste conquistada (...)  
A esta criatura — o Minotauro,  
darei os teus jovens a comer, Atenas  
Ele comerá o teu futuro, dilacerará a tua esperança,  
Esmagará os teus jovens, os teus filhos, na areia.”*



FERNANDO LUÍS, NARRADOR (MINOS) © MÁRCIA LESSA

Esta é, aliás, uma ideia-chave deste projeto que é reforçada por Fabien Teigné: “A equipa artística e técnica é a mesma que produz espetáculos com intérpretes totalmente profissionais, pelo que os amadores não são tratados como tal, sendo-lhes exigida a mesma energia, a mesma presença em cena e a mesma consciência profissional da restante equipa, para que possam ir o mais longe possível.” Isto nem sempre é fácil, admite, porque “às vezes os jovens estão em período de exames, as crianças estão cansadas e os adultos têm o seu trabalho e a sua família”.

Quanto ao tema abordado, um mito grego, Teigné diz que esta equipa artística tem por norma fazer leituras atuais dos textos clássicos, adaptando-os a uma realidade mais próxima capaz de nos tocar. “Quisemos partir deste tema para falar de um outro que infelizmente está na ordem do dia e que tem a ver com o drama dos refugiados que chegam diariamente à Europa.” Salmon salienta o facto de as imagens desta realidade transmitidas pela televisão, de tão repetidas, acabarem por causar uma indiferença geral. “Ao pôr o dedo na realidade, a arte cristaliza, torna-se capaz de criar emoção, acabando por nos tocar de um modo mais profundo do que uma reportagem nos *media*. Muitas pessoas saem deste espetáculo comovidas e perturbadas.”

Mais informações e restante programação em [gulbenkian.pt](http://gulbenkian.pt)

## António Ramos Rosa e Herberto Helder na *Colóquio-Letras*

*Dois poetas desaparecidos na última década, que marcaram a renovação da poesia portuguesa, estão em destaque na próxima edição da revista quadrimestral Colóquio-Letras, com imagens das obras de Rui Chafes, disponível a partir de setembro.*

Nesta edição, publica-se um conjunto de artigos sobre as obras de António Ramos Rosa e Herberto Helder e revelam-se 17 cartas inéditas deste último para o primeiro, apresentadas por Ana Paula Coutinho. “Se houve poetas que marcaram, logo a partir dos seus primeiros livros, a renovação da poesia portuguesa desde finais dos anos 50, eles foram António Ramos Rosa e Herberto Helder”, sublinha Nuno Júdice no editorial da revista.

A força da poesia de António Ramos Rosa (*O Grito Claro*, 1958, e *Viagem através duma Nebulosa*, 1960) e de Herberto Helder (*O Amor em Visita*, 1958, e *A Colher na Boca*, 1961) viria a marcar as décadas seguintes: no caso do primeiro, prosseguindo um trabalho de publicação de poesia e ensaio, e no caso do segundo, de poesia e ficção, com livros que impuseram as suas vozes como dois marcos da literatura do século XX e da contemporaneidade. Talvez menos conhecida seja a relação literária e de amizade que os dois autores mantiveram e da qual as cartas inéditas que a *Colóquio-Letras* agora publica são um notável testemunho.

### **Efemérides da literatura**

Os 150 anos do nascimento de Raul Brandão e o centenário da primeira publicação de *Húmus*, obra-prima do autor, são igualmente assinalados nesta edição da revista. Uma vez que passam também agora 200 anos sobre a execução de Gomes Freire de Andrade, com outros onze liberais — episódio descrito por Brandão em *A Conspiração de 1817* —, publica-se uma carta, escrita a Matilde de Faria Melo, que viria a ser a personagem de *Felizmente Há Luar* (1961), de Luís de Sttau Monteiro — uma das grandes peças do repertório teatral do século XX.

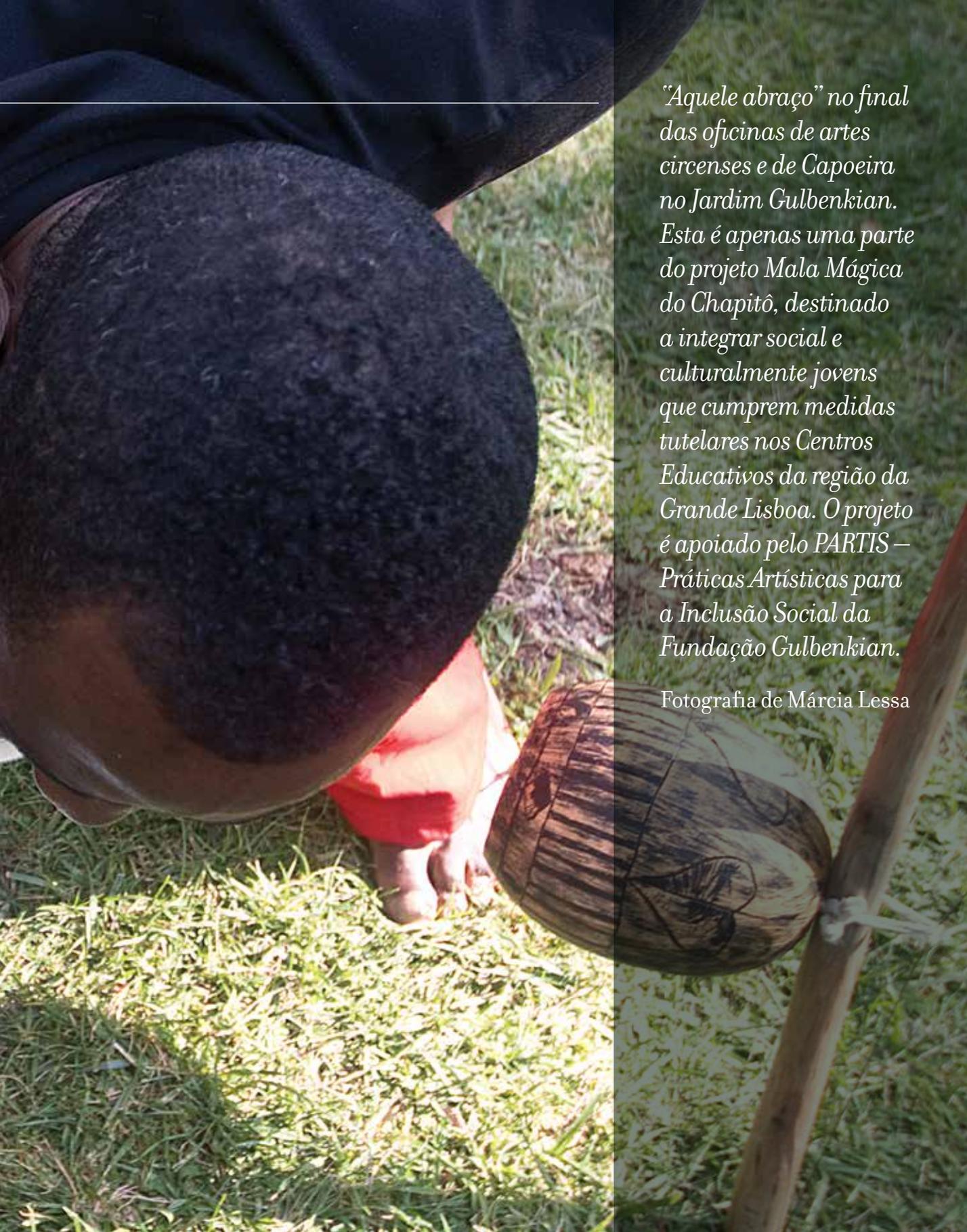
No alinhamento da revista de setembro, que reproduz na capa e separadores obras do escultor Rui Chafes, cabem ainda referências a dois escritores desaparecidos este ano: o poeta Armando Silva Carvalho e o romancista e jornalista Baptista-Bastos.



# Ambientes

---





*“Aquele abraço” no final das oficinas de artes circenses e de Capoeira no Jardim Gulbenkian. Esta é apenas uma parte do projeto Mala Mágica do Chapitô, destinado a integrar social e culturalmente jovens que cumprem medidas tutelares nos Centros Educativos da região da Grande Lisboa. O projeto é apoiado pelo PARTIS — Práticas Artísticas para a Inclusão Social da Fundação Gulbenkian.*

Fotografia de Márcia Lessa

